



A garça grande está entre as preocupações de grupos ecológicos que criaram uma associação para proteger a bacia do Paranoá

Fauna do lago atinge 180 espécies

As garças grandes certamente são bem mais cautelosas do que os fiscais do GDF. Desde 1961, quando foram fechadas as comportas do Paranoá e o lago recebeu seus 560 milhões de metros cúbicos de água — e até antes disso — que centenas destas aves brancas passam boa temporada por aqui, mas só deram “habite-se” a Brasília em 1986. Antes delas só vinham apreciar a estação das chuvas, pescar alguma coisa no Paranoá mas era só chegar a estação da seca e elas batiam asas em direção aos vales dos rios São Francisco e Paranã, onde tinham mais confiança para reproduzir e iniciar a criação dos filhotes.

Quem sabe bem destes caprichos das garças é o biólogo do Centro de Estudos de Migração de Aves do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), Paulo de Tarso, que há muito tempo goza da intimidade do convívio com as aves na região, realizando o controle das espécies. “A partir de 86 é que elas perceberam que a região do lago havia completado sua maturação biológica, tornando-se uma fonte de alimento segura para aves adultas e filhotes, criando coragem

para reproduzirem-se também por aqui”, revela o biólogo.

Variedades

Como se soubessem que são merecedoras de tanta atenção — ganharam até o nome de associação, — as garças sobrevoam vaidosas o lago, se reproduzem na área do zoológico e agora deram para se reunir, em alegre alvoroço, no córrego Baranai, perto da Embrapa, no Lago Norte. Para os leigos todas as garças são apenas garças, mas para os técnicos a população tem lá suas variantes: a garça grande, a garça pequena (ambas brancas), a garça real (de um pardo-amarelo, com capuz negro e bico azulado) e a garça moura (cinza-escuro, pescoço claro e bico laranja).

Mas a população aquática do Paranoá chega a 180 espécies, como os socós, que também são dois: o dorminhoco que só sai na boca da noite e talvez, por isso mesmo, em bandos) e o estudante (pequeno solitário e que estuda sabe-se lá o que). O talhamar é mais raro, mais fácil de ser identificado por seu modo curioso de pescar, como conta o pesquisador do IBGE, Bráulio Dias: “Ele faz um vôo razante, risca a água com seu enorme bico e, com isso, atrai os peixes que acaba

pescando na volta”. Esperto, sem dúvida, mas não tão corajoso quanto o biguá, que desbanca até o martin-pescador: com a aparência de um pato negro ele mergulha até mais de dois metros para capturar seu peixe. E isso nas águas do lago, de qualidade extremamente duvidosa.

Cercado de rodovias, mansões, chácaras, edifícios e principalmente, vida humana, o lago ainda mantém em seus nichos ecológicos uma população imensa de pássaros que não são chegados à água, mas sobrevivem graças às matas ciliares. E o caso das pombas-rolas, tesourinhas, bem-te-vis e uma série de outros como *scytalopus novacapitalis*, que carrega este estranho nome científico porque foi encontrado, pela primeira vez, em Brasília; cinzento, pequenino e com este nome, os técnicos admitem, dificilmente se tornará popular. Seja lá como for, enquanto esta população toda estiver crescendo, tudo vai bem com as árvores, com o lago e com os peixes. Se diminuírem, dizem os técnicos, alguma coisa foi quebrada na cadeia alimentar. “Eles são uma espécie de campainha a nos alertar de quando algo está errado na cadeia alimentar” avisa Paulo de Tarso.